

O turismo rural na agricultura familiar durante e pós Covid-19

Mayara Roberta Martins e Natália Brasil ¹

O turismo é um dos setores mais afetados pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19). Com o alto risco de contaminação nas viagens, a recomendação de isolamento social e grande parte das fronteiras fechadas, a atividade turística, tanto no âmbito doméstico quanto internacional, vive uma de suas piores crises. No caso do turismo rural não é diferente. Produtores rurais, que tem no turismo um importante canal de comercialização e uma fonte de renda alternativa, enfrentam um novo desafio com a paralização do fluxo de visitação e questionam o futuro da atividade. Nesse contexto, emergem inúmeras questões para pensar as perspectivas do turismo no meio rural e, principalmente, a importância da diversificação das atividades e das fontes de renda. O que fazer para conter os prejuízos financeiros e escoar parte da produção que antes era comercializada durante as visitas? Como os agricultores familiares e comunidades tradicionais estão se estruturando para vivenciar esse cenário? Como se planejar para o retorno às atividades? Passado o susto inicial, será que essa crise não pode ser aproveitada em seu momento temporário de paralização como uma oportunidade de repensarmos os serviços e produtos turísticos oferecidos? Será que os consumidores estarão mais conscientes de suas ações e menos individualistas?

Primeiramente, é necessário tomar consciência de que estamos vivendo uma crise sanitária global e tomar as devidas providências que atendam as recomendações das autoridades. Não faltam exemplos de comunidades receptoras que já encerraram suas atividades. Ainda que, em alguns casos, a paralização não tenha sido liderada pelos próprios produtores, o fluxo de consumidores reduziu significativamente. Nas comunidades quilombolas, por exemplo, uma das primeiras medidas adotadas foi de proteger o seu maior patrimônio vivo, os seus anciões², os mais velhos e sábios de suas comunidades. No quilombo de Ivaporunduva, no Vale do Ribeira Paulista, houve um acordo comunitário estabelecido para o monitoramento da situação da Covid-19 nas comunidades, paralisação das atividades turísticas e a tentativa de viabilizar o escoamento dos produtos agrícolas e os cuidados preventivos nos quilombos do entorno. Tais medidas ressaltamos laços de solidariedade e cooperação³ da comunidade principalmente nos casos em que possam ocorrer alguma situação de desabastecimento alimentar, problemas financeiros e de atendimento de saúde.

A aposta dos agricultores familiares e comunidades tradicionais, por ora, é a comercialização de seus produtos agrícolas em cadeias curtas, como feiras e entrega de cestas na casa dos clientes, além de estarem lutando para o restabelecimento das compras institucionais dos produtos da agricultura familiar para escolas da região.

Em Venda Nova do Imigrante, região serrana do estado do Espírito Santo, produtores rurais do agroturismo também tiveram que se adequar a essa nova realidade e observaram queda drástica em seus rendimentos. Em entrevista concedida ao jornal A

¹ Pesquisadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agricultura, Alimentação e Desenvolvimento (GEPAD). Contatos: may_martins10@hotmail.com; nataliasalvatebrasil@gmail.com>

² Para mais informações sobre as comunidades tradicionais e a pandemia, veja na matéria “Nossos idosos são nossa memória: o medo da Covid-19 nos quilombos”, no endereço eletrônico: <<https://jornalistaslivres.org/nossos-idosos-sao-nossa-memoria-o-medo-da-covid-19-nos-quilombos/>>

³ Indicamos a leitura da notícia do Instituto Socioambiental (ISA) sobre comunidades quilombolas e caixas e segurança alimentar durante a pandemia do Covid-19 <<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/quilombolas-e-caixas-distribuem-15-toneladas-de-alimentos-para-comunidades-vulneraveis>>

Gazeta⁴, a produtora Priscila Brioschi que administra um dos sítios de agroturismo afirma que, com o fechamento do local por um mês, o rendimento da família caiu 80% e o planejamento de 2020 foi totalmente revisto. No final de março, a prefeitura do município publicou uma carta de recomendação para o turismo, orientando os empreendedores rurais a suspenderem o atendimento ao público e recomendando medidas preventivas, caso não seja possível fechar os estabelecimentos. Além das medidas básicas recomendadas, algumas orientações refletem diretamente o perfil do agroturismo no local, como evitar que pessoas idosas ou em grupo de risco tenham contato com visitantes e a degustação de produtos. O calendário de eventos do município, muito intenso em períodos normais, também foi suspenso.

Apesar da não proibição das atividades turísticas, o fluxo de visitação nas propriedades reduziu quase que totalmente. A saída encontrada pelos produtores tem sido o incentivo ao consumo dos produtos locais pela população do município e a comercialização intermediada pela internet, seja via *whatsapp* ou outros aplicativos. A plataforma lançada pelo Sebrae⁵, em parceria com outras instituições do estado, é uma alternativa para conectar a população do município aos agricultores. Nesse momento, algumas agroindústrias, que também trabalham com o turismo, já estão cadastradas.

São muitos os exemplos de iniciativas que emergem nesse momento com objetivo de amenizar os efeitos da crise do coronavírus. O princípio da solidariedade muito presente na organização social dos agricultores familiares também tem sido cada vez mais acionado como uma forma de sair dessa crise com outro patamar. É fato que o turismo rural incluído como uma parte da renda dos agricultores familiares sofre um forte abalo e, muito provavelmente, terá que se reinventar para o contexto pós-pandemia. Por enquanto, algumas perspectivas já podem ser delineadas sobre o futuro dessa atividade.

Analistas do setor de viagens e turismo prevêm que, inicialmente, os visitantes não terão tantos recursos financeiros para dispor após a pandemia e, portanto, possivelmente haverá uma menor adesão às viagens internacionais e em veículos coletivos. Até que o medo da contaminação diminua, os primeiros movimentos de viagens serão de abrangência regional e realizadas com veículos particulares. Tal possibilidade, abre uma janela de oportunidade para o turismo doméstico que pode vir a contribuir para a recuperação das famílias e pequenos empreendedores do turismo rural no contexto pós-pandemia.

Após a retomada das atividades turísticas em suas propriedades rurais, fica claro que os agricultores deverão reforçar as condutas mais responsáveis e sustentáveis, assim como os consumidores e operadores de turismo. As questões ambientais e a retomada para vivências mais significativas com o rural e a natureza também são esperadas pelos analistas como um possível comportamento após os efeitos imediatos de uma redescoberta das pequenas coisas, dos processos biológicos e de uma ressignificação da vida em comunidades. Desse modo, o turismo rural é sustentável para além de uma vocação social terá oportunidade de reforçar o respeito às populações receptoras, seus patrimônios e seus recursos naturais, priorizando pequenos grupos, distanciamento social e regras sanitárias para uma vivência prática estruturada no bem estar de hóspedes e visitantes.

Nesse sentido, a pandemia do Covid-19 pode ser vista como um grande catalizador de processos que já estavam em andamento. As incertezas sobre o mundo pós-pandemia são inúmeras, mas é certo que essa crise acelerou mudanças na forma

⁴ Disponível em: < <https://www.agazeta.com.br/es/economia/coronavirus-a-turistica-venda-nova-fica-vazia-no-feriado-0520>>.

⁵ A plataforma lançada pelo Sebrae pode ser acessada via: <<http://www.feiranainternet.com/>>

como vivemos em todos os aspectos. Para o turismo rural, esse momento pode ser uma oportunidade para repensar a relação homem e natureza, a importância da solidariedade e do senso de comunidade, a relevância da diversificação das atividades econômicas e da autonomia dos agricultores e os próprios objetivos das comunidades que abrem suas portas para visitantes. Espera-se, de fato, que as transformações causadas pela pandemia se reflitam em ações concretas no futuro, desde a escolha dos consumidores dos lugares a serem visitados até os impactos da atividade no meio ambiente e sociedade.